

# De olhos no chão

OTTO LARA REBENDE

"Que seria de nós se não sonhássemos."

José Saramago

Uma certa confusão é mais do que compreensível neste início da Constituinte. Sem ironia, pode-se dizer que temos experiência de constituintes. Temos até excessivo know-how de constituições. Parece aquela história do sujeito que perguntou a Einstein se ele não tinha um caderninho para tomar nota das idéias que lhe ocorressem. E Einstein: "So tive uma." O Brasil oligárquico e autoritário tem tido muitas idéias e constituições de mais. Resultado: não tem nenhuma. Vive à sombra do arbítrio, ou quase. E por isto não tem vivência democrática, nem autêntica vida parlamentar.

Na confusão destes primeiros dias constituintes, o noticiário dá conta do medo de um eventual vazio constitucional. Se a Constituinte cresce, por exemplo fala em remover o lixo autoritário que entulha o País há mais de 20 anos, vozes se levantam contra o perigo da ausência de ordem jurídica. As mesmas vozes, agora tão ciosas, temem a restauração da monarquia, a proclamação da escravidão, a extinção do Supremo e a dissolução das forças armadas. Temem em suma que seja posto em prática o samba do crioulo doido. Pena é que o Sérgio Porto não esteja aí para juntar essa hipocrisia ao festival de besteiras. Tudo farisaísmo. Podem ficar tranquilos: a Constituinte será moderada, como o Brasil.

Democracia não se aprende com o arbítrio, com a menoridade cívica. O autoritarismo deixa cáibras. As juntas ficam duras com a artrose ditatorial. Junta militar dá reumatismo. Também em 1946 se discutiu se era preciso estancar a vasa do decreto-lei, que entorta a boca do Executivo e a torna mais loquaz do que nunca. A maioria, PSD e PTB, manteve o decreto-lei e recusou a proposta de reativar a Constituição de 1934 até a promulgação da nova Carta. A maioria tinha colaborado com a ditadura do Estado Novo. Não podia cuspir no prato em que comeu. E não queria perder a boca do poder, com Dutra eleito pelo voto direto.

Agora, tirante o adesismo, que pode ser oportuno sem ser oportunista, a larga maioria do PMDB não foi conivente com o autoritarismo. Combateu-o. Sofreu-o. Foi vítima — e às vezes pagando o preço do mandato, da liberdade e até da própria vida. Essa maioria é que pediu na rua as eleições diretas. Já que a transição se fez como se fez, entre cochichos e velório, se de fato não querem o vácuo da ordem jurídica, tornem vigente a golpeada Constituição de 1946. Ela não assusta ninguém. Tem fama de conservadora. E permite um Executivo forte, como é da infeliz tradição presidencialista. Com a Constituição de 46 JK mudou

a Capital para os cafundós-do-Judas. Lá onde é hoje a Ilha da Fantasia. E às caneladas, como gritava a Oposição.

No discurso com que abriu os trabalhos da numerosa Assembléia, Ulysses Guimarães disse verdades candentes. Perdiu liberdade e justiça com boa retórica, para que tenhamos paz e estabilidade. Encarrou o futuro e voltou as costas para um passado cheio de iniquidades, de que só podemos falar com a cabeça baixa e os olhos no chão. De fato, a paisagem social do Brasil é uma humilhação para todos nós que temos o privilégio de ter nascido e de viver sem privação. Ainda somos a minoria. Segundo Ulysses, não existe no mundo de hoje sociedade que seja tão cruel com os trabalhadores.

A afirmação é chocante. Há mais de meio século as trombetas do oficialismo cantam loas à legislação trabalhista, inspirada em Mussolini. Mas reconhecemos que houve progresso mesmo: jornada de trabalho de oito horas, férias remuneradas, proteção ao trabalho do menor, Justiça trabalhista etc. O que acontece é que, também aí, no setor de trabalho, o Brasil não é um só. É um monte de contrastes. Tem a modernidade do ABC paulista e tem o mercado persa do biscate e do camelô. Tem o sindicato de pelegos e tem o deus-dará. Tem lideranças sindicais e tem miséria até dizer chega, sem pai nem mãe. A coisa vem de longe. Vem da colonização e da senzala. Leiam Joaquim Nabuco sobre as penas cruéis — os açoites etc.

O lugar-comum ufanista, que enfia a cabeça na areia, garante que somos um povo fraterno e bom, sentimental e generoso. Papo furado. O mal não é prerrogativa do brasileiro. A maldade é universal. O que houve de cruel na Revolução Industrial, na Inglaterra, não está no gíbi. Leiam Dickens. Nada ultrapassa, porém, a crueldade de nosso Brasil macumbeiro e temente a Deus. O Brasil deste ocaso do séc. XX. Leiam "Democracia x Violência", coordenado por Paulo Sérgio Pinheiro e Eric Braun. Vejam o que viu a Comissão Teotônio Vilela, em São Paulo. Um cortejo de horrores macabros. Leiam "O Espelho do Mundo", de Maria Clementina Pereira Cunha, sobre a história do Juquery. Dostoiévski é pinto, com a sua "Casa dos Mortos". Procurem tomar consciência de como tratamos os presos, os doidos, as crianças, os doentes, os velhos, os menores abandonados — a imensa sargeta do Brasil. Abram os olhos. Brasileiro bonzinho, uma ova. Sociedade cruel. Sem chão, nem teto. E sem pão. Cruelíssima, como diria sem exagero o José Dias. Não dá para encarar com orgulho. Só com remorso.